

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila
 Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila
 Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus Ana Lúcia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENSO	
Vitor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS

Data de aceite: 31/01/2020

Gilmar Adolfo Hermes

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Pelotas – Rio Grande do Sul

<http://lattes.cnpq.br/8599512241342306>

Gilmar Hermes (ghermes@yahoo.com) é professor do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo Cultural, na linha Estudos Semióticos sobre Jornalismo Cultural.

RESUMO: Através de uma análise, na perspectiva da semiótica de Charles Sanders Peirce, é possível desconstruir os textos jornalísticos de forma a compreender a sua lógica de criação. No estudo da reportagem *Fé e festa no grande festejo do sincretismo*, escrita pelo jornalista Luiz Carlos Merten, sobre o filme documentário *Fevereiros*, observa-se quais foram os signos usados para a descrição do filme. Identifica-se sinsignos, com caráter mais descritivo, e interpretantes, que correspondem a trechos mais opinativos sobre a produção cinematográfica. O filme *Fevereiros* teve a sua produção realizada a partir do acompanhamento

das atividades da escola de samba Mangureira, que prestou uma homenagem à cantora Maria Bethânia em 2016. O filme estende o seu registro ao contexto cultural da cidade de Santo Amaro da Purificação, onde a cantora participa das atividades em honra de Iemanjá e da Nossa Senhora dos Navegantes. Entre os procedimentos retóricos do jornalista está a compreensão do filme inserido no contexto da realidade social. Os procedimentos retóricos do texto jornalístico são avaliados conforme as lógicas do “diálogo” ou da “disseminação”, conforme a abordagem do autor John Durham Peters (1999).

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica, jornalismo cultural, cinema.

JOURNALISTIC PRODUCTION OF MEANINGS ON THE FEVEREIROS DOCUMENTARY

ABSTRACT: Through an analysis, from the perspective of Charles Sanders Peirce’s semiotics, it is possible to deconstruct the journalistic texts in order to understand their logic of creation. In the study of the report *Fé e festa no grande festejo do sincretismo* (Faith and party in the great celebration of syncretism), written by journalist Luiz Carlos Merten, about the documentary film *Fevereiros*, it is observed

what were the signs used for the description of the film. It is observed signs, with more descriptive character, and interpretants, that correspond to more opinionated passages about the cinematographic production. The film *Fevereiros* was produced by following the activities of the Mangueira samba school, which paid tribute to singer Maria Bethânia in 2016. The film extends its record to the cultural context of the city of Santo Amaro da Purificação, where the singer participates in activities in honor of Iemanjá and Nossa Senhora dos Navegantes. Among the journalist's rhetorical procedures is the understanding of the film inserted in the context of social reality. The rhetorical procedures of the journalistic text are evaluated according to the logic of "dialogue" or "dissemination", according to the approach of author John Durham Peters (1999).

KEYWORDS: Semiotics, journalism, cinema.

1 | INTRODUÇÃO

A análise do trabalho jornalístico sobre a produção cinematográfica brasileira feito pelo crítico de cinema Luiz Carlos Merten, nas páginas do *Caderno 2*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, pode contribuir para o desenvolvimento do jornalismo cultural e também para a compreensão da importância histórica dos filmes feitos no Brasil nos anos recentes. Este artigo faz parte de uma pesquisa com metodologia semiótica sobre os textos do autor publicados entre os anos de 2018 e 2019. Em diversas análises de reportagens sobre os filmes no circuito de exibição, estão sendo levados em conta os procedimentos retóricos do autor no contexto jornalístico. A análise semiótica dos textos jornalísticos contribui para a compreensão crítica do trabalho de produção de reportagens, e, neste caso, sobre as práticas do jornalismo cultural impresso sobre cinema.

Usando da técnica de entrevista, como foi observado em outras análises, o jornalista em algumas ocasiões dá maior relevo à voz do diretor, dos atores ou dos produtores, mas também situa as informações sobre os filmes em relação aos contextos social, histórico e cinematográfico em que essas produções entram em circulação. Seus textos geralmente estão em sintonia com o calendário de estreias das salas de exibição da cidade de São Paulo, demonstrando também quais trabalhos ganharam maior visibilidade no circuito de exibição. Neste artigo, é analisada a reportagem *Fé e festa no grande festejo do sincretismo*, publicada no dia 31 de janeiro de 2019, e que trata da exibição do documentário *Fevereiros*. Esse filme mostra o envolvimento da cantora Maria Bethânia com a cultura religiosa de sua cidade natal, Santo Amaro da Purificação, no estado da Bahia, conjuntamente à homenagem feita pelo tema enredo da escola de samba carioca Mangueira em 2016. As ideias de "sincretismo" e "tolerância" ganham maior relevância no conjunto do texto, como símbolos interpretantes do filme.

2 | ANÁLISE SEMIÓTICA

Através de seus textos publicados diariamente, o jornalista Luiz Carlos Merten manifesta a dimensão pública de seu *self*, relacionada a vários outros *selves*, os leitores do jornal, os editores da publicação da qual faz parte, a cultura jornalística na qual profissionalmente está inserido e os diversos sujeitos do contexto cinematográfico, da gerência das salas de exibição à toda a gama de profissionais que produz os filmes brasileiros. O *self* pode ser visto como um signo que se relaciona com o contexto social através de outros signos, que são os outros sujeitos e os signos que produzem.

No livro *Peirce's Approach to the Self* (1989), o autor Vincent Colapietro desenvolve como o autor Charles Sanders Peirce pensa o *self* muito conectado com a ideia de “comunicação”. Esta compreensão de Peirce foi revolucionária em seu tempo. O autor John Durham Peters, em seu livro *Speaking into the air* (1999), mostra que no século XIX, tempo da maior parte da vida de Peirce, uma concepção muito arraigada era a de que o “significado” fosse algo produzido pela consciência individual, como John Locke havia definido no século XVII (PETERS, 1999, p.81).

Colapietro (1989) elucida que, para Peirce o *self* é um signo. Desta forma, o *self* produz semioses¹ e é relacionado a outras mentes que afeta ou pelas quais é afetado. Segundo o autor, o fato mais básico sobre o ser humano é que ele é um ser em comunicação com outros (COLAPIETRO, 1989, p.37). Ao mesmo tempo em que o *self* é um centro de “poder e controle”, é parte de uma comunidade de significados, não somente levando em conta as palavras, mas ainda ações, hábitos e pensamentos.

Os signos, de acordo com os conceitos de Peirce (2000), agenciam cognições nas relações triádicas entre si, seus objetos e os interpretantes. Os signos relacionam-se aos seus objetos de forma a produzir sentido ou ações sígnicas. Esse efeito consiste na criação de um novo signo, resultado das diferentes formas de relação semiótica possíveis, as quais representam os diferentes tipos de signos ou semioses. Os ícones, por exemplo, são um tipo de signo que se relaciona com seus objetos através de relações de semelhança qualitativa (SANTAELLA, 2000) e produzem interpretantes de acordo a potencialidade dessas similaridades produzirem sentido para as variadas mentes interpretantes.

O texto jornalístico sobre cinema é uma combinação de signos, de forma a gerar interpretantes sobre os filmes ou temas relacionados. Para a observação desta composição de signos, duas diferenciações semióticas são muito importantes para a análise. Tratam-se dos conceitos de objeto dinâmico e do objeto imediato (SANTAELLA,

¹ O conceito de semiose é central na semiótica de Charles Sanders Peirce e consiste na ação sígnica. Todo signo, na relação triádica que estabelece entre si, o objeto e o interpretante, produz novos signos, sendo que o interpretante consiste no signo relativo produzido em alguma mente que dará continuidade em sua ação (PEIRCE, 2000). O jornalista, em seu texto, produz um signo capaz de produzir interpretantes, que terão continuidade através das ações sígnicas dos seus leitores. Podem ser, por exemplo, concepções intelectuais sobre o filme ou a cantora Maria Bethânia, a ida ou a recusa de ir à sala de exibição para ver este filme.

2000). O objeto dinâmico é o que está fora do signo, em qualquer que seja o contexto, imaginário ou real, para a qual a sua ação sígnica produz sentido. Neste caso, o objeto dinâmico trata-se do filme *Fevereiros*. O objeto imediato são os aspectos relativos ao filme que o texto apresenta, sendo que os signos sempre relatam os objetos quanto a um ou alguns dos seus aspectos. A análise de um texto jornalístico consiste basicamente em perceber quais são os objetos imediatos presentes em relação ao objeto dinâmico (o filme como um todo), de forma a produzir semioses.

A maneira como o texto aborda o filme consiste no objeto imediato, que corresponde à parte desse fenômeno que o trabalho do jornalista apresenta e que poderá ser conhecido de fato pelos leitores nas salas de exibição. Dessa forma, o texto jornalístico tem a capacidade de produzir uma experiência semiótica sobre um outro signo, o filme, que, neste caso, funciona como seu objeto dinâmico.

Os textos jornalísticos impressos produzem sentido basicamente na combinação de símbolos, as palavras nos destaques gráficos e o texto principal; e ícones, as imagens (fotografias ou ilustrações desenhadas). Enquanto o filme comunica principalmente através de ícones, as imagens em movimento, a redação jornalística impressa cria sentidos sobretudo através das palavras. As palavras, porém, também têm uma dimensão icônica ou qualitativa, quando compreendidas de acordo com a sua apresentação gráfica ou visual.

A primeira semiose produzida pelo texto no seu conjunto é aquela gerada pela foto e os destaques gráficos, especialmente o título em letras de tamanho maior, mas também levando em conta a cartola, a linha de apoio, a legenda e o olho, todos em tipografia grifada. Nesta reportagem, vê-se o retrato atual da cantora sorrindo, vestida de branco e com uma parede branca ao fundo, ao lado do título “Fé e festa no grande festejo do sincretismo”. O título ressalta as ideias de religiosidade, festejo e sincretismo. As palavras são legissignos ou símbolos (SANTAELLA, 2000), que trazem ideias gerais, mas que no decorrer do texto ganham um sentido mais restrito ou melhor contextualizado, funcionando assim como “réplicas”. São a atualização de uma ideia generalizada, que ganha um sentido mais específico na contextualização. Como porta de entrada para o texto, o título aponta ideias gerais para as quais o filme está relacionado. A ideia de “sincretismo” ganhará importância no transcorrer do texto, pelo sentido político que representa na atual conjuntura brasileira, após a eleição do atual presidente Jair Bolsonaro e os fatos que antecederam as eleições.

Com letras menores, mas grifadas com a cor vermelha, a cartola “Cinema-Estrela”, no topo da página, situa editorialmente o assunto do *Caderno 2* no âmbito cinematográfico. Ao centro da página, a foto de Maria Bethânia apresenta o busto de sua figura vestida de branco em formato triangular apontado para cima, com o fundo branco, identificada pela legenda: “Filha de Iansã, criada nas novenas da igreja de Santo Amaro da Purificação” (MERTEN, 2019). A ideia de religiosidade é enfatizada pela legenda, que cita divindades cultuadas pelo candomblé.

O objeto dinâmico do texto principal fica evidente na linha de apoio:

“Fevereiro” é muito mais que um documentário sobre Maria Bethânia”, associando o assunto a um gênero específico de produção cinematográfica. E o potencial interpretante que o texto pode produzir no seu conjunto está no “olho”, uma frase dita pelo diretor entrevistado, Marcio Debellian, colocada em destaque com letras grifadas em um tamanho um pouco maior do que o texto principal: - “Fevereiro” virou uma peça de resistência em defesa do sincretismo, com tudo o que representa de tolerância” (DEBELLIAN in MERTEN, 2019). As ideias de resistência, sincretismo e tolerância são associadas à produção cinematográfica, dando o tom da reportagem.

A matéria prima do jornalismo são os “sinsignos”, tipos de signo que se caracterizam como dados singulares da realidade, ocorrências, fenômenos que, a princípio, ainda não se tratam de generalizações, legissignos, mas semioses relativas às observações de eventos concretos do mundo real (SANTAELLA, 2000). O filme *Fevereiro* pode ser considerado como um sinsigno, na medida em que é uma ocorrência da vida cultural. No entanto, deve-se considerar que já vem permeado por sentidos produzidos como legissignos, a exemplo da apresentação como um “documentário”, uma ideia generalizada logicamente como uma possibilidade ou uma tipologia da produção cinematográfica.

Os legissignos são, em mais um exemplo, as regras e conceitos que constituem a “cultura jornalística” (TRAQUINA, 2004). O sentido dado a cada um dos destaques gráficos mencionados é dado por antemão pelas concepções técnicas que permeiam a produção jornalística.

Todas as palavras são legissignos, com significados generalizados, mas, no texto, passam a funcionar como sinsignos na medida em que produzem sentido em um contexto específico.

A técnica de entrevista (LAGE, 2011) é um legissigno do jornalismo. Também o valor noticioso da atualidade funciona como uma regra de criação desse tipo de texto (TRAQUINA, 2005).

Os depoimentos colocados entre aspas são sinsignos, na medida em que dão conta de algo que foi dito, que ocorreu recentemente, mas estão permeados por regras de produção, ou seja, pelo valor-notícia da “atualidade” (TRAQUINA, 2005) e a técnica da entrevista, como elementos simbólicos constituinte dos textos noticiosos, sendo assim legissignos.

Levando em conta a observação das entrevistas e menções entre aspas atribuídas às fontes, a análise prossegue com a identificação dos personagens citados ao longo do texto como referências das informações, que são o diretor Márcio Debellian, o carnavalesco da Escola de Samba Mangueira Leandro Vieira e a cantora Maria Bethânia. Em depoimentos colocados entre aspas (discurso direto) ou não (discurso indireto), através de suas falas, são descritos sinsignos, elementos da realidade que cerca o filme, ou que o constituem como objeto.

No parágrafo de abertura do texto, o jornalista Merten escolheu abordar primeiramente o “sinsigno” relativo à “demora para concluir e lançar *Fevereiro*”,

apontando já uma avaliação para o problema, atribuída em discurso indireto para o próprio diretor: “terminou sendo positiva”.

A “história” do jornalista é a “história de como o filme foi feito”. São descritos sinais que constituíram as etapas de produção até a sua exibição no Festival do Rio em 2017. O diretor Marcio Debellian filmou de 2015 a 2016 os preparativos e o desfile da Escola de Samba Mangueira, a qual venceu o desfile da Sapucaí homenageando a cantora Maria Bethânia. Esse material foi usado por Debellian para a primeira edição. Ao longo de 2016, o diretor fez entrevistas com Caetano Veloso, irmão de Bethânia, e o historiador Luiz Antônio Simas. A entrevista com a personagem principal, Maria Bethânia, foi realizada somente em 2017.

Levando em conta o contexto temporal em que o filme chegou às salas de exibição, janeiro de 2019, o jornalista produz um signo interpretante no início do segundo parágrafo. Neste caso, trata-se da opinião do jornalista produzida a partir da observação dos signos descritos, relacionados à representação da realidade vivida socialmente. É um signo produzido a partir dos objetos imediatos descritos e também pelo efeito colateral da realidade social em que o jornalista está imerso: “Um ano e meio depois, *Fevereiros* chega aos cinemas não apenas como uma lufada em defesa da tolerância” (MERTEN, 2019).

O signo principal do filme, a cantora Maria Bethânia, é apresentada no terceiro parágrafo, sobretudo como a personalização do “sincretismo religioso”, o que pressupõe as semioses produzidas pelo filme e do texto jornalístico sobre o filme. Desta forma o objeto imediato do “sincretismo religioso” é um aspecto produtor de semioses por ambos. A redação descreve: “Bethânia, filha de Iansã, criada nas novenas da igreja de Santo Amaro da Purificação, transita entre a ancestralidade da herança africana - o chamado os atabaques - e o cerimonial católico” (MERTEN, 2019).

O texto é conduzido através do legissigno do “sincretismo”. Este é o tema em que o carnavalesco da escola de samba Mangueira, Leandro Vieira, aborda inicialmente em entrevista apresentada em discurso direto, através do recurso das aspas: “O Brasil regrediu 100 anos com essa nova conformação de poder e governo. *Fevereiros* virou uma peça de resistência em defesa do sincretismo, com tudo o que representa de tolerância” (VIEIRA in MERTEN, 2019). Desta forma, apresenta um signo interpretante sobre a importância deste filme no atual momento histórico. Este sinal, a fala do entrevistado, é o que o dá o tom mais político ao texto, relacionando-o diretamente ao processo eleitoral recente vivido pela sociedade brasileira.

Apresentando um novo interpretante, o jornalista atribui a intuição do diretor para a relevância que a homenagem da escola de samba Mangueira à Maria Bethânia viria a ter, no momento da estreia do filme nas salas de exibição. O interpretante do repórter é atribuído no texto aos sinais, as ocorrências apresentadas a seguir. A redação cita que, anteriormente, Marcio Debellian produziu o documentário *Palavra (En) Cantada*, o que ilustra seu interesse pelas relações da literatura poética com a

música popular brasileira. Essa predileção explica a sua atração pela personagem de Maria Bethânia e seu tipo de música. E, apesar da agenda repleta, a cantora autorizou a filmagem.

A mudança da temática central no transcorrer da produção é descrita através da explicação atribuída à cantora Maria Bethânia de por que o filme tem o título *Fevereiros*. Todo o dia 2 de fevereiro, ela deve estar na cidade de Santo Amaro, no estado da Bahia, para o ápice das festividades celebrando a divindade do candomblé Iemanjá e a católica Nossa Senhora dos Navegantes. Sua família, representada especialmente por sua mãe Dona Canô, hoje falecida, criou o hábito de abrir a casa para esse festejo popular.

Um sinsigno descrito é um dos depoimentos no filme do carnavalesco Leandro Vieira, um dos principais personagens do documentário. “[Fala] na importância de representar o Brasil negro, mulato, o País dos excluídos. Lembra que a religiosidade popular foi perseguida” (VIEIRA in MERTEN, 2019).

Também funciona como um sinsigno o depoimento do historiador Luiz Antônio Simas. Ele lembrou que “o samba de roda nasceu nos terreiros da Bahia antes de migrar para o Rio”. Tendo em conta os sinsignos descritos e outros citados ao longo de um trecho com caráter opinativo, o jornalista produz um interpretante sobre o filme, o que também cada leitor poderá produzir depois de vê-lo. Merten escreve:

Toda uma história de resistência - do samba, das religiões afro “é contada por meio de Maria Bethânia, do que ela representa e Bethânia fala” sobre a doçura de Mãe Menininha, que era como a fonte da água da vida. Generosa, porque sabia que o manancial nunca ia secar. É tudo isso que Marcio Debellian coloca de maneira tão simples. Bethânia em casa, em Santo Amaro, no barracão da Mangueira, na igreja e no gantois. Uma coisa não exclui a outra. Tudo soma (MERTEN, 2019).

A seguir o jornalista retoma o interesse do diretor do documentário em relação à literatura, descrevendo um interpretante produzido por ele sobre a personagem principal do documentário: “Bethânia usa a música para espalhar a poesia pelo mundo. Tudo o que ela faz de uma maneira tão autêntica, tão popular, está embasado na alta cultura” (DEBELLIAN in MERTEN, 2019).

Os signos “sincretismo” e “tolerância” são enfatizados no parágrafo de encerramento do texto:

Como momento de comunhão e equilíbrio de homens e mulheres com eles mesmos e o universo, a espiritualidade não precisa, necessariamente, ligar-se a uma só religião. Existe pano para vestir todos os santos, como existem ateus espiritualizados. Luis Buñuel adorava definir-se como ateu, “graças a Deus”. Bethânia é dessa estirpe guerreira, Filha de Iansã, devota na igreja e no coração de seus fãs (MERTEN, 2019).

Observa-se como principal procedimento retórico de Merten a contextualização dos filmes na realidade social. Neste texto, também ficou evidente o processo de narrar a história da produção do filme, que envolve a elaboração de um projeto, o enfrentamento de dificuldades e uma série de circunstâncias que resultam no produto visto nas telas e sujeito à reportagem jornalística para divulgação e crítica. No conjunto de textos de Merten já analisados nesta pesquisa, percebe-se a preocupação em

valorizar a produção cinematográfica brasileira.

3 | DIVERSIDADE: MARCA DO CONTEXTO CINEMATOGRAFICO BRASILEIRO

A diversidade da produção cinematográfica brasileira é apontada pelo autor Danilo Santos Miranda (2018) justamente como a sua marca identitária na apresentação do livro *Nova História do Cinema Brasileiro* (RAMOS e SCHVARZMAN, 2018). Ele também enfatiza a estreita relação do cinema com outras artes, do que o documentário *Fevereiroiros* é um exemplo em relação à música e à literatura poética, como foi destacado pelo autor da reportagem ao descrever sinais relativos ao diretor do documentário.

Miranda (2018) considera como mais recente a inclusão das temáticas de gênero, das mulheres e a participação de atores negros e indígenas no cinema brasileiro. Já o autor francês Laurent Desbois (2016) argumenta que, na tentativa de construir uma indústria nacional e uma identificação com seu público, os filmes denunciam as contradições de uma sociedade desenvolvida através do trabalho escravo e o massacre das culturas indígenas. Segundo a reportagem jornalística, o documentário *Fevereiroiros* registra a importância da atuação da cantora Maria Bethânia em relação à comunidade de Santo Amaro e suas raízes ligadas ao contexto cultural afrobrasileiro.

Os organizadores da obra *Nova História do Cinema Brasileiro* (RAMOS e SCHVARZMAN, 2018) definem o cinema como uma “arte do tempo”, e é neste sentido que funciona o principal procedimento retórico de Merten, ao situar os filmes em relação à realidade social de que fazem parte, em constante mutação, inclusive do ponto de vista político. Para os autores citados acima, o cinema brasileiro caracteriza-se da seguinte forma:

[Trata-se] de uma arte produzida numa determinada região geográfica do planeta, com tradições culturais e históricas mais ou menos congruentes, abertas para a miríade de influências que a compõem, sem uma soma que nos permita apontar para qualquer tipo de homogeneidade a ser exaltada (RAMOS e SCHVARZMAN, 2018, p.13)

A diversidade característica do processo cultural define que *Fevereiroiros* representa apenas uma das facetas da cultura brasileira e da sua produção cinematográfica. Para o autor do artigo *Documentário Contemporâneo (2000-2016)*, Carlos Alberto Mattos (2018), depois que os documentários tiveram de uma maneira geral a vocação de “educar o mundo”, “até os anos 1950”; e de “ajudar a mudar o mundo”, “nas décadas de 1960 a 1970”; pode-se dizer “que o documentário do século XXI pretende compreender o mundo”. (MATTOS, 2018, p.475) É justamente a diversidade e a busca de entendimento de uma sociedade complexa não homogênea que move a produção de filmes documentários:

A grande maioria dos documentaristas em ação está sendo movida pela curiosidade em relação ao Outro... [...] que pode ser famoso ou anônimo, representativo ou singular, performático ou corriqueiro. [...] A irrupção das subjetividades pode ser considerada um traço definidor desse período. (MATTOS, 2018, p.475).

O autor explica que houve “um salto da era do modelo sociológico para outro mais interessado nas individualidades e mais próximo de um interesse antropológico pelas manifestações do cotidiano” (MATTOS, 2018, p.477). O filme *Fevereiros* pode ser situado no que o autor define como “documentários de redes de pessoas”. “Neles, o que importa não é tanto o indivíduo, mas as relações e similaridades entre os sujeitos” (MATTOS, 2018, p.477-478). Apesar de que, como foi descrito na reportagem, a produção tenha partido do acompanhamento da homenagem prestada à cantora Maria Bethânia pela escola de samba Mangueira, o documentário, como sugere o nome *Fevereiros*, acabou centrado no fenômeno cultural das festividades do município de Santo Amaro.

Carlos Alberto Mattos (2018) também demonstra como a música popular é um assunto frequente entre a produção de documentários brasileiros. Cita, por exemplo, *Samba Riachão*, dirigido por Jorge Alfredo em 2001, que dividiu o prêmio de melhor filme no Festival de Brasília em 2001 com a ficção *Lavoura Arcaica*. Também as escolas de samba têm motivado produções como o média-metragem *Ensaio geral* (Arthur Fontes e Flávio Pinheiro, 2000), o longa *Imperatriz do Carnaval* (Medeiros Schultz, 2001), o média-metragem *Samba* (Theresa Jessouroun) e *82 minutos* (Nelson Hoineff, 2015), sobre a preparação da escola de samba Portela no mesmo ano. A partir dos anos 2000, houve uma série de DVDs documentais sobre os mais diversos gêneros musicais. (MATTOS, 2018, p. 482-483)

O subgênero das biografias musicais é apontado por Mattos (2018) como frequente nas “estatísticas de documentários mais vistos a cada temporada” (MATTOS, 2018, p. 492). É imensa a lista que aponta títulos como *Vinicius* (Miguel Faria Jr., 2005); *Meu tempo é hoje: Paulinho da Viola* (Izabel Jaguaribe, 2002), *O homem que engarrafava nuvens* (Lírio Ferreira, 2008), *Chico: artista brasileiro* (2013), etc. “Os filmes se compõem geralmente de entrevistas, material biográfico de época e cenas de performance musical” (MATTOS, 2018, p. 493). Este, no entanto, não é o caso de *Fevereiros*, que como foi descrito na reportagem, não se restringe somente ao trabalho musical da cantora, mas considera sobretudo o contexto cultural da cidade de Santo Amaro da Purificação, situando-o no que Mattos define como “documentário de rede de pessoas”.

4 | DISSEMINAÇÃO OU DIÁLOGO

O autor John Durham Peters (1999), em seu livro *Speaking into the Air*, conta a história da ideia de comunicação. Metodologicamente o livro é organizado de acordo com a história das mentalidades. De certa forma, presta uma homenagem ao pragmatistas norte-americanos, mostrando o contexto em que os seus pensamentos foram elaborados na passagem do século XIX para o XX. Sua reconstituição histórica, no entanto, vai mais longe e mostra como o imaginário midiático foi estruturado ao longo dos séculos, o que pode ser observado no universo das representações atualmente.

Uma das principais problemáticas tratadas pelo autor é o confronto entre as ideias de “disseminação” e “diálogo” (PETERS, 1999, p.33). O filósofo Sócrates marcou a importância do discurso oral na conversação. Ele clamava sobre a importância de conhecer os outros. Nesse sentido, o discurso é como uma semente a ser cultivada entre as pessoas no diálogo. A objeção de Sócrates quanto à linguagem escrita é sobre como o texto será lido por outros e as distorções que podem surgir fora de um encontro face a face. Sua preocupação retórica é principalmente sobre conhecer o outro e produzir um discurso que realmente possa ser compreendido em seu melhor significado em um processo de diálogo. Isso depende principalmente de conhecer o outro.

A disseminação é uma outra concepção de comunicação apresentada pela difusão de textos bíblicos (PETERS, 1999, p.51). É mais importante disseminar o texto sagrado para uma audiência heterogênea, mesmo que em uma relação assimétrica. Para Sócrates, o diálogo é pensado como uma relação simétrica entre duas almas. Na concepção da disseminação o significado é uma tarefa do receptor. Neste caso, há uniformidade na transmissão, mas há diversidade na recepção. As parábolas pedem pela interpretação e a audiência deve resolver este problema, sendo proativa.

Luiz Carlos Merten, com suas reportagens, atua principalmente na lógica da disseminação, como é próprio do jornalismo. Ele tenta oferecer aos seus leitores o melhor da cinematografia nacional, tendo o circuito de exibição como intermediador. Através dos sinais descritos na reportagem, os leitores podem chegar às suas próprias conclusões a respeito do filme.

Para tentar estabelecer um diálogo, no entanto, Merten busca produzir retoricamente uma identificação com o contexto da realidade social e produz interpretantes sobre o filme através desse processo. É necessário que haja alguma cumplicidade por parte do leitor com a compreensão da realidade social do jornalista para que este diálogo possa ocorrer.

Também, e, talvez, somente para uma elite voltada para o consumo cinematográfico, assim como para Sócrates o diálogo só poderia estabelecer-se entre almas simétricas, o jornalista busca evidenciar os processos de criação que envolvem especialmente as atividades e concepções do diretor. Neste caso é necessário um interesse mútuo pela compreensão do processo criativo do cinema.

5 | CONSIDERAÇÕES

A análise semiótica das reportagens permite desconstruir o texto de forma a compreender a lógica de sua criação. Os conceitos semióticos são como lentes que permitem observar os elementos textuais e seus possíveis sentidos no âmbito geral e na lógica empreendida na estrutura redacional. Levando em conta a semiótica de Charles Sanders Peirce, dentre os conceitos mais usuais estão os de signo, objeto dinâmico, objeto imediato, interpretante, sinsigno, legissigno, réplica e ícone.

É importante situar o texto no âmbito da cultura jornalística, levando em conta a importância da técnica de entrevista e a relevância das fontes que constituem o referencial informativo do texto. Na análise observa-se procedimentos que caracterizam a especificidade do jornalismo sobre cinema, levando em conta, por exemplo, a relevância que o diretor tem ao prestar informações sobre o filme.

Todos os *selves* envolvidos na constituição do texto agem tendo em vista a realidade social de que fazem parte. No caso de um filme brasileiro, este aspecto torna-se mais importante do que a cultura cinematográfica, sendo o ponto mais importante para a produção de sentido sobre a produção. Os processos de disseminação e diálogo, tal como explicados por Peters (1999), ocorrem de maneira dialética, exigindo empenho do jornalista e dos cineastas no sentido de aproximar a cinematografia da realidade social vivida, mas, ao mesmo tempo, é necessário um interesse dos leitores no sentido de aproximar-se da realidade específica do processo criativo cinematográfico.

REFERÊNCIAS

COLAPIETRO, Vincent Michael. **Peirce's Approach to the self: A semiotic perspective on human subjectivity**. Albany: University of New York Press, 1989.

DESBOIS, Laurent. **A Odisseia do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MATTOS, Carlos Alberto. Documentário Contemporâneo (2000-2016). In: RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila. **Nova História do Cinema Brasileiro**. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2018, vol. 2, p.474-513.

MERTEN, Luiz Carlos. **Um Sonho de Cinema**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura/Edunisc, 2004.

_____. Fé e festa no grande festejo do sincretismo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. C7, 31 jan. 2019.

MIRANDA, Danilo Santos. A Pluralidade do Cinema Brasileiro. In: RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila. **Nova História do Cinema Brasileiro**. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2018, vol. 2, p.9-10.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PETERS, John Durham. **Speaking into the Air: A History of The Idea of Communication**. Chicago: The University of Chicago, 1999.

RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila. **Nova História do Cinema Brasileiro**. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2018, vol.2.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Critérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0